

Analisando a trajetória das metrópoles industriais às cidades-jardins: os ideais utópicos transformados em cidades-dormitórios

Analysing the trajectory from the industrial metropolis to the garden cities: the utopian ideals transformed into dormitory cities

Adriana Araujo Portella

adrianaportella@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO - O presente artigo percorre as transformações urbanas que ocorreram em função da degradante qualidade de vida oferecida pelas cidades da época da Revolução Industrial. A insatisfação com as péssimas condições de higiene e poluição atmosférica fizeram com que vários teóricos, urbanistas e pesquisadores desenvolvessem princípios utópicos que fundamentaram mais adiante o surgimento das cidades-jardins. Tais princípios que ligavam a preservação das áreas naturais com o crescimento das cidades buscavam o aumento da qualidade de vida das pessoas, não somente das classes mais abastadas, mas também do proletariado tão marginalizado na era industrial. Entretanto, muitos desses ideais utópicos nunca saíram da etapa de projeto, já que grande parte das aglomerações urbanas organizadas em prol de tais princípios acabou por não se manter como o planejado devido a questões de competitividade e civilidade entre os habitantes. Assim, dentro desse contexto, surgem os subúrbios norte americanos que marcaram o nascimento das cidades-dormitórios, que hoje caracterizam a dependência em relação ao automóvel e muitas vezes a baixa qualidade de vida de muitos trabalhadores que dependem de uma infraestrutura de transporte público completamente defasada em relação à demanda de usuários. Traça-se, portanto, um paralelo aos problemas hoje vivenciados por muitas cidades a fim de estimular discussões acerca das origens dos fenômenos contemporâneos de crescimento urbano que assolam a urbes, bem como a busca por soluções que muitas vezes remetem aos ideais utópicos já defendidos desde o século XIV.

Palavras-chave: utopia, cidade-jardim, cidade-dormitório.

ABSTRACT – This paper analyzes the urban transformations that occurred due to the degrading quality of life offered by cities in the period of Industrial Revolution. People's dissatisfaction with poor hygiene and air pollution led many theorists, planners and researchers to develop utopian principles that underlie the subsequent emergence of garden cities. These principles linking the preservation of natural areas with the growth of cities sought to increase the quality of life not only of wealthier classes, but also of proletariat, so marginalized in the industrial era. However, many of these utopian ideals have never left the design stage, since a large part of urban agglomerations organized on the basis of these principles has not grown as planned due to issues of competitiveness and civility among dwellers. Thus, within this context the North American suburbs emerged, which marked the birth of the dormitory cities characterizing today the dependence on automobiles and often a low quality of life of many commuters who depend on a public transportation infrastructure that is completely out of synch with user demands. Therefore, this study draws a parallel with the problems experienced today by many contemporary cities in order to stimulate discussions about the origins of the contemporary phenomena of urban growth that plague our cities, as well as the search for solutions that often refer to the utopian ideals advocated since the 14th century.

Keywords: utopia, garden city, dormitory city.

Introdução

Este artigo apresenta uma discussão teórica sobre os conceitos que envolveram o surgimento das cidades-jardins, tendo como paradoxo os problemas hoje vivenciados pela sociedade contemporânea, como a proliferação da cidade-dormitório e agora, mais recentemente, de condomínios fechados. Muitas das contestações da sociedade do século XXI já eram debatidas por estudiosos do século XVIII que colocavam em xeque a qualidade de

vida das pessoas na cidade durante o período industrial. Reflexões de grandes intelectuais como o pré-urbanista inglês Ebenezer Howard e o contemporâneo, geógrafo e urbanista, Sir Peter Hall, que até 2014, ano do seu falecimento, lecionava na University College London, são o foco deste trabalho.

O surgimento das idealizações utópicas de sociedades ideais representou intrinsecamente uma forte contestação às práticas sociais e às políticas da época em que foram escritas, bem como às condições físicas e morais

de vida das classes socialmente desfavorecidas. Em 1516, Thomas More publicou o livro “Utopia”, no qual descrevia uma sociedade futura ideal, criticando implicitamente as relações políticas e sociais das comunidades existentes. Ele não foi o precursor, sendo meio século antes desenvolvido, junto com as tradições utópicas, o planejamento de cidades ideais pelos arquitetos italianos Leone Battista Alberti e Filareti.

Conforme Howard (1996) já dizia, as condições de possibilidade de invenção do paradigma utópico foram definidas pela emergência de um lugar específico, onde o intelectual se instalava para reivindicar o seu direito próprio a pensar, imaginar e criticar o social e o político. Nos séculos XIX e XX, o contexto histórico fez com que o discurso utópico se direcionasse para novos caminhos, sendo obras como as de Robert Owen, Charles Fourier e Benjamin Richardson destacadas não por descreverem viagens imaginárias nem tampouco sonhos de governo, mas por representarem uma repulsa às condições de vidas das cidades industriais através de propostas de comunidades autossuficientes, onde os habitantes viveriam em harmonia e cooperação (Baczko, 1991).

A partir desses ideais e propostas visionárias foram definidos por Howard os princípios das cidades-jardins, uma das origens do urbanismo moderno e posteriormente do novo urbanismo. Esses princípios foram formulados como solução para o caos urbano enfrentado nas grandes cidades industriais britânicas do século XIX: sob uma expansão demográfica sem precedente, tornaram-se ali ostensivos os contrastes entre áreas de grande qualidade de projeto e equipamento, exclusivas às classes mais ricas, e bairros para camadas populares com condições de vida física e moralmente degradantes (Otoni, 1998). Na cidade contemporânea a mesma realidade é percebida quando contrastamos áreas de bairros nobres com zonas de favelas.

As ideias de Howard, muitas vezes, foram mal compreendidas pelos intelectuais da época, que o consideraram apenas um planejador físico utópico, esquecendo que suas cidades-jardins tornaram-se veículos para a reconstrução da sociedade capitalista dentro de uma infinidade de comunidades cooperativas. Publicada em 1898, sua obra com o título “Amanhã: um caminho tranquilo para a reforma autêntica” (*To-morrow: a peaceful path to real reform*) ganhou uma nova edição em 1902 com a denominação de “As cidades-jardins de amanhã” (*Garden Cities of To-morrow*), podendo esse novo título ter desviado o público do caráter verdadeiro da mensagem, rebaixando o autor de visionário social a planejador físico. Ainda hoje, os fundamentos desse autor são apontados pelo novo urbanismo como resposta ao crescimento exacerbado dos subúrbios residenciais, utilizando-se dos ideais de cidade autossustentável, como a formação de sociedades pequenas, com limites definidos e autossuficientes, muito em voga nos discursos de planejamento urbano e regional do século XXI (Hall, 1988; Baczko, 1991). Esse

contexto demonstra que a persistência e continuidade do fenômeno utópico testemunham a aspiração constante e fiel das classes sociais aos valores de igualdade, liberdade, justiça social e comunhão dos bens.

Diante disso, observa-se que as utopias nunca deixaram de ser desejáveis. Sociológica e historicamente, a realidade do imaginário reside na sua própria existência, na diversidade das funções que exerce, assim como na intensidade desse exercício. As utopias ganham em “realidade” e “realismo” na medida em que se inscrevem no campo das expectativas de uma época ou de um grupo social e, sobretudo, na medida em que se impõem como ideais orientadores e mobilizadores de esperanças coletivas por uma melhor qualidade de vida. É dentro desse contexto que hoje se organizam manifestações por diversos assuntos que culminam na luta por uma sociedade mais democrática e igualitária. O Brasil foi palco de uma das maiores manifestações da história em junho de 2013, quando a população foi às ruas reivindicar um país com uma sociedade mais igualitária, sem corrupção e democrática (Figura 1).

Dentro desse contexto, este artigo percorre a trajetória das metrópoles industriais às cidades-jardins a fim de entender a origem da proliferação de áreas residenciais na periferia das cidades e de condomínios fechados que hoje caracterizam a realidade espacial e social da maioria das nossas áreas urbanas.

Analizando a trajetória das metrópoles industriais às cidades-jardins

No século XIX, a Revolução Industrial gerou caóticas consequências para os espaços urbanos das cidades

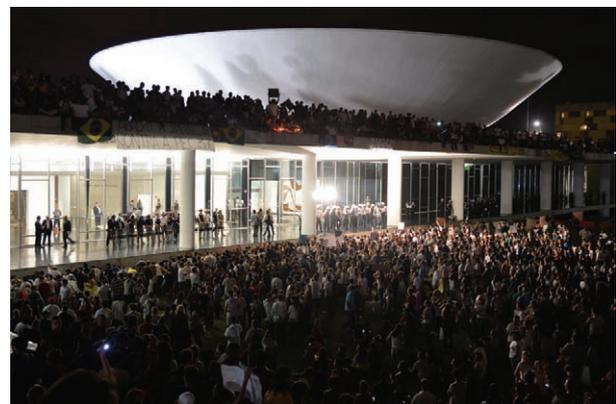


Figura 1. Manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil pedindo o fim da corrupção e desigualdade social.
Figure 1. Demonstrations occurred in June 2013 in Brazil calling for an end to corruption and social inequality.

Fonte: Campanato (2013), licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil.

européias em função das altas taxas de incremento populacional, ocasionadas pelos trabalhadores rurais expulsos das grandes propriedades, da poluição do ar devido ao grande número de indústrias próximas às zonas residenciais, dos cursos d'água poluídos e dos graves problemas de higiene gerados pela falta de redes de esgoto e de água tratada. Esse cenário era o reflexo das condições de vida da classe socialmente desfavorecida, a qual se via obrigada, por não ter maiores recursos, a habitar vilas operárias com essas características (Howard, 1996). Essa situação ainda é muito comum em diversas cidades do século XXI, principalmente em países ditos “em desenvolvimento” ou “subdesenvolvidos”, como verificado no caso da cidade de São Paulo no Brasil (ver Figura 2).

Um dos fatores que contribuiu para a desqualificação das cidades durante o século XIX foi a superposição de muitas iniciativas públicas e particulares não reguladas e coordenadas. Essa realidade nos parece muito comum quando analisamos hoje o crescimento da cidade contemporânea, onde o planejamento urbano surge como uma disciplina pouco conhecida pelas municipalidades, que acabam deixando à mercê do mercado imobiliário a definição das variáveis que irão direcionar o crescimento da cidade. A liberdade individual exigida como condição para o desenvolvimento da economia industrial revelou-se insuficiente para regulamentar as mudanças das construções e do urbanismo (Figuras 3 e 4). Ainda, segundo Benévolo (1983), a desorganização do mercado de trabalho na primeira metade do século XIX incentivava o crescente desequilíbrio social entre os trabalhadores e os burgueses, pois colocava os primeiros em constante desvantagem nas condições de negociação diante do empregador. Embora

nos dias de hoje existam leis trabalhistas em muitos países e também a OIT (Organização Internacional do Trabalho), ainda se percebe um significativo descompasso entre os direitos e deveres dos empregados, sem mencionar o trabalho infantil.

A preocupação pela melhoria das condições de vida dos operários, assim como pelo desejo de eliminar ou ao menos amenizar as questões sociais nas grandes cidades, culminou com o desenvolvimento do movimento dos socialistas utópicos, os quais defendiam a criação de comunidades industriais ideais. Em contrapartida, Marx e Engels denunciaram essas ideias como formas de aumentar a dependência dos trabalhadores em relação aos donos das fábricas; porém, na verdade esses ideais foram os precursores dos fundamentos para o bem-estar social, sendo utilizados posteriormente por esses dois críticos (Galantay, 1977).

Assim surgiram as utopias de cidades ideais tendo a prosperidade econômica como tema principal, ao contrário da República de Platão, na qual prevaleciam os interesses pelos valores morais. Nessas comunidades, o crescimento da economia estava diretamente ligado ao trabalho e à participação comunitária, sendo que cada membro deveria participar das atividades cotidianas, a fim de atingir benefícios coletivos: as sociedades ideais deveriam ser baseadas na igualdade, cooperação e harmonia. Esses ideais, intrinsecamente, refletiam o descontentamento de muitos com as condições sociais exploradoras do capitalismo industrial. Muitos desses utópicos planejamentos urbanos foram postos em prática na América e na Europa, tais como as comunidades de Nova Harmonia (nos Estados Unidos), Victoria e Saltaire (ambas na Inglaterra); entre-

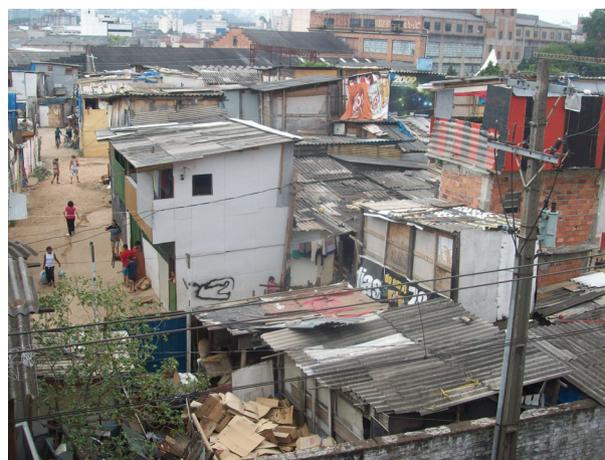
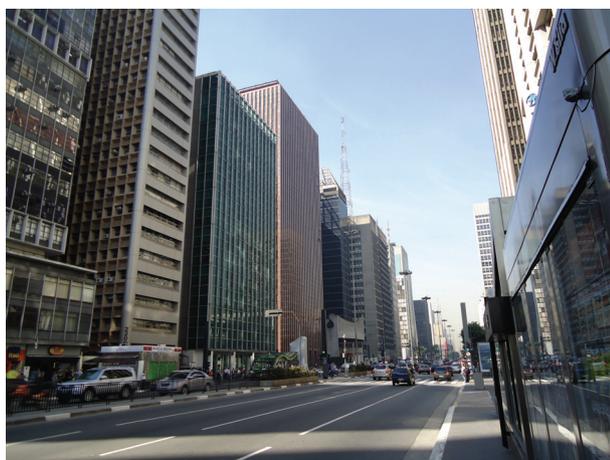


Figura 2. Na cidade de São Paulo, assim como em várias cidades no Brasil, há um grande contraste entre o centro econômico e as áreas periféricas de baixíssima qualidade de vida para a população. Av. Paulista e Favela do Moinho, respectivamente.

Figure 2. In the city of São Paulo, as well as in several cities in Brazil, there is a strong contrast between the economic centre and the outlying areas of extremely poor quality of life. Paulista Avenue and Moinho Slum, respectively.

Fonte: elaborado pela autora (2013); Jung (2011), licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil.

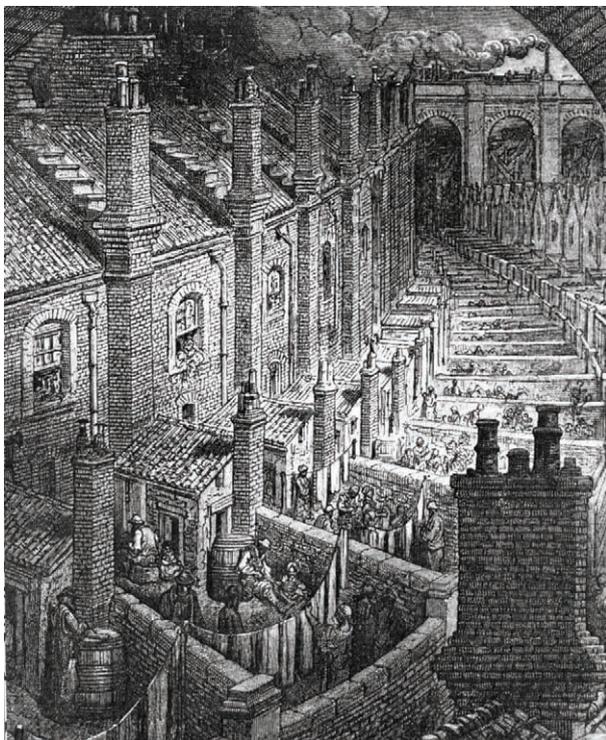


Figura 3. Cidade Industrial por Gustave Doré (1876). Gravura mostrando habitações compactas e apinhadas de gente.

Figure 3. Industrial City by Gustave Doré (1876). Well-known engraving showing compact and crowded houses. Fonte: Ottoni (1998).

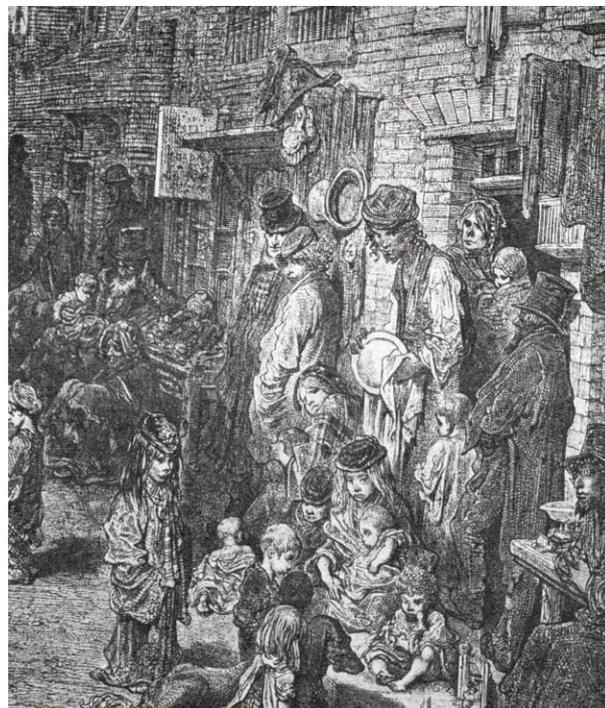


Figura 4. Uma rua do bairro de Whitechapel em Londres retratada por Gustave Doré, documentando a falta de espaço nas residências.

Figure 4. Street in the Whitechapel district of London portrayed by Gustave Doré, documenting the lack of space in the houses.

Fonte: Howard (1996).

tanto, nenhuma delas obteve êxito. Segundo a análise de socialistas, isso ocorreu não por um desastre econômico, mas devido ao crescimento da economia: quase todos enfatizavam a solidariedade de grupo, o cumprimento das regras sociais, o trabalho cooperativo e a participação coletiva, que eram considerados elementos indispensáveis para evitar situações conflituosas entre os habitantes; entretanto, quando as sociedades alcançaram a prosperidade econômica, todos esses princípios foram ignorados, e os indivíduos passaram a pensar e trabalhar por interesses individuais – surgindo a competição (Blowers *et al.*, 1974).

A comunidade de Nova Harmonia, por exemplo, foi fundada em 1817 pelo industrial inglês Robert Owen, representando seus esforços na definição de uma série de metas, algumas descritas em sua obra “A nova visão da sociedade” (1816), para a organização de uma sociedade ideal autossuficiente. Ele acreditava que a indústria poderia, se organizada adequadamente, necessitar de menores jornadas de trabalho, melhorando, portanto, a qualidade de vida do operário e, ao mesmo tempo, não deixando de estimular e propiciar o crescimento econômico, sendo o excedente produzido pelo esforço da comunidade, após as necessidades básicas terem sido atendidas, negociado

livremente, usando-se o trabalho empregado como termo de comparação monetária. Como descrito por Benévolo (1983), esse empresário idealizava dispor de um grupo de cerca de 1.200 pessoas num terreno de mais ou menos 500 hectares: as habitações formariam um quadrado, tendo três lados destinados às casas individuais para os casais e os filhos com menos de 3 anos e outro aos dormitórios dos jovens, à enfermaria e ao albergue para os visitantes. No espaço central eram previstos os edifícios públicos: a cozinha com um restaurante comum, as escolas, a biblioteca, o centro de encontro para adultos, as zonas verdes para a recreação e os campos esportivos. Ao longo do perímetro externo se situariam os estabelecimentos industriais, os armazéns, a lavanderia, a cervejaria, o moinho, o matadouro, os estábulos e os edifícios rurais, sendo que, segundo Owen, não eram previstos tribunais e prisões, pois não seriam necessários, já que todos viveriam em constante harmonia e cooperação.

Esse plano foi apresentado entre 1817 e 1820 ao governo central da Inglaterra e às autoridades locais, mas não obteve apoio. Owen, então, tentou pô-lo em prática por conta própria nos Estados Unidos, comprando em 1825 um terreno em Indiana, onde surgiu a primeira al-

deia modelo (Figura 5). Porém, a experiência fracassou três anos depois, sem ao menos ter alcançado a prosperidade econômica, que em outras sociedades ditas como ideais comprovou ser a causa de seu declínio. Segundo o historiador americano Lewis Mumford, o que levou à desagregação dessa comunidade foi a ausência de normas que garantissem um comportamento de respeito entre os seus membros: Owen acreditava que comportamentos harmônicos se dariam espontaneamente, em função do bom senso de cada indivíduo, em qualquer tipo de situação (Blowers *et al.*, 1974).

De modo similar a essa experiência, o socialista francês Charles Fourier partiu do pressuposto que a sociedade ao chegar numa fase elevada de desenvolvimento intelectual estaria apta a viver em coletividade, em construções projetadas cada qual para 1.600 pessoas; dentro desse paradigma em 1832 ele lançou seu projeto utópico denominado “Falanstérios” (Figura 6). Esse palácio social autossustentável abrigaria dormitórios, refeitórios, biblioteca e, nas alas junto ao pátio central, igreja, bolsa de valores, teatro, torre de controle e telégrafo, sendo circundado por 400 hectares de terra destinada ao cultivo e às áreas verdes. Deve-se ressaltar que, para o projeto dessa comunidade, o francês baseou-se nos modelos extraídos das residências reais do século XVIII (Howard, 1996; Quaroni, 1967).

Outras experiências similares foram concretizadas na Inglaterra, tais como a comunidade de “Victoria”, proposta em 1849 por James Silk Buckingham e projetada para 10.000 habitantes; a sociedade de “Saltaire”, fundada em 1850 por Titus Salt para 3.000 moradores; a de “Hygea”, conhecida como a cidade saudável, idealizada por Benjamin Ward Richardson em 1875 para 100.000 pessoas; e a de “Porto da Luz do Sol”, pensada por William Hesketh Lever no final do século XIX. Essas comunidades, bem como outras que compartilhavam dos princípios utópicos de Owen, não obtiveram total êxito na prática, pois determinavam como deveria ser a sociedade ideal, estipulando modelos de comportamento e formas

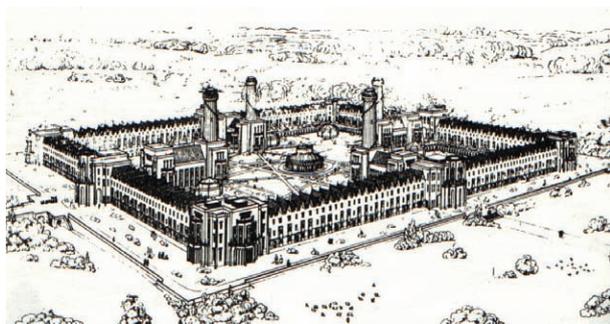


Figura 5. Nova Harmonia em Indiana, nos Estados Unidos (1825).

Figure 5. New Harmony in Indiana, United States (1825).

Fonte: Howard (1996)

de trabalho, sem esclarecer como se daria a adaptação dos indivíduos a esses novos costumes e formas de vida idealizadas. Embora as ideias utópicas fossem idealizadas como soluções à crise que afligia a sociedade e às consequências da urbanização crescente e da industrialização, tornavam-se lugares onde se prolongavam e se estruturavam conflitos sociais e políticos similares aos já existentes (Baczko, 1991; Ray, 1973).

Mesmo apresentando os mesmos problemas acima mencionados, esses tipos de comunidades não surgiram apenas na Inglaterra: George Pullman fundou, em 1867, a cidade de Pullman próxima a Chicago; Etienne Cabet organizou novos estabelecimentos no Texas e em Iowa; Krupp construiu várias comunidades para operários na Alemanha, como Schederdorf, Altenhof, Alfredshof e Margarethenhof; Van Marken criou Agneta Park em torno de um lago na Holanda em 1880; Jean Baptiste Godin, em 1859, colocou em prática as ideias de Fourier e construiu o Falanstério em Guise; e o espanhol Arturo Soria y Mata idealizou em 1882, pioneiramente, a Cidade Linear, baseada nos trajetos ferroviários (Ray, 1973).

Contraditoriamente, embora tivesse havido uma rejeição, pelos habitantes, dos padrões de vida e comportamento preestabelecidos pelos utopistas, iniciou-se uma idealização romântica da vida no campo em oposição à da cidade. Essa procura do campo como lugar ideal para a instalação de comunidades autossustentáveis já se evidenciava desde a Utopia (1516) de Thomas More. Owen, já no começo do século XIX, privilegiava a localização de seus projetos no campo, assim como Fourier, sendo as cidades tradicionais consideradas muito cheias, congestionadas, poluídas e barulhentas, enquanto que as vilas nos campos transmitiam tranquilidade e proporcionavam uma vida mais saudável (Howard, 1996; Ray, 1973). Esse mesmo conceito hoje é vendido através de ferramentas do

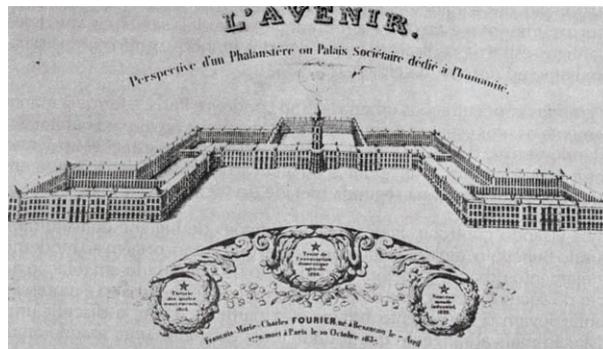


Figura 6. O Falanstério de Fourier. Vista do “Palácio Social”. Um precursor das unidades de habitação de Le Corbusier.

Figure 6. Fourier’s phalanstery. View of the “Social Palace”. A precursor of Le Corbusier’s housing units.

Fonte: Howard (1996).

marketing urbano para atrair pessoas a migrarem da cidade para o campo em busca de uma melhor qualidade de vida; esse fenômeno vem sendo notado com certa significância no Brasil, onde o êxodo rural caracterizador do urbanismo da década de 1980 tem sido reduzido drasticamente.

Destacava-se, no período industrial do século XIX, a influência do movimento Arts & Crafts o qual, com seu desencanto pela baixa qualidade estética dos produtos fabricados em série pela indústria, enfatizava que as condições de vida nas cidades médias, com seu pequeno porte, diretamente ligadas ao ambiente rural e à produção artesanal, propiciavam um relacionamento mais produtivo e respeitoso a seus habitantes. Essa visão, somada à tradição inglesa de valorização da natureza, tendo-se em conta a baixa qualidade de vida nos extensos bairros operários da cidade industrial, inspirou os integrantes desse movimento a defenderem a formação de comunidades urbanas com tamanhos limitados e ligadas a áreas de preservação ambiental, em contrapartida às grandes cidades industriais (Howard, 1996).

Em 1898, surgem, então, as primeiras indicações das cidades-jardins. Ebenezer Howard manipulou livremente as ideias que até então circulavam entre os intelectuais, publicando o texto “Amanhã: um caminho tranquilo para a reforma autêntica”, o qual foi reeditado em 1902 sob a denominação “Cidades-jardins do amanhã”. No livro, Howard foi taxativo ao declarar que todas as ideias centrais haviam sido pensadas originalmente por ele, mas logo conhecera outros autores que lhe haviam fornecido relevantes subsídios. Não há dúvida que houve precursores, já que os fundamentos descritos por Howard para o conceito de cidade-jardim podem encontrar correlações até mesmo com a obra de Thomas More (Utopia). Edward Gibbon Wakefield, 50 anos antes de Howard, desenvolveu a ideia de uma colônia planejada para as classes desfavorecidas, sendo que, segundo o esquema, tão logo uma cidade atingisse determinado tamanho, dever-se-ia começar uma segunda, separada da anterior por um cinturão verde; podendo ser aqui a origem do conceito de cidade social admitida por Howard. Também, os planos de James Silk Buckingham para a comunidade de Victoria forneceram a maioria dos traços básicos para o diagrama da cidade-jardim: a praça central, as avenidas radiais e as indústrias periféricas (Hall, 1988; Ottoni, 1998).

Contrariando seu antecessor Edward Wakefield, Howard não idealizava seus projetos como cidades para miseráveis; pelo contrário, elas deveriam ser concretizadas e administradas pelo estrato imediatamente superior, ‘a classe C’ assim definida pelo trabalho do inglês Charles Booth de 1886 a 1903 (Booth, s.d), que assim se haveria de libertar da servidão do cortiço urbano. Em sua publicação de 1902, Howard (1996) definiu a cidade-jardim como uma sociedade autossuficiente, com capacidade para no máximo 32.000 habitantes distribuídos num limite territorial de 400 hectares, nos quais eram combinadas as vantagens da

vida urbana com as do convívio com a natureza. Definida oficialmente como uma cidade desenhada para a vida e a atividade industrial saudável, essa comunidade se restringia ao tamanho que permitisse o melhor desempenho das funções sociais, bem como era delimitada por um cinturão verde de 2.020 hectares, em cujas terras, de propriedade pública ou coletiva da sociedade, se localizariam não apenas granjas, mas reformatórios e casa de repouso. Esse modelo previa quantidades de emprego que reduzissem os deslocamentos dos seus moradores a áreas exteriores à cidade e baseava-se em cálculos que demonstravam sua viabilidade econômica (Hall, 1988; Galantay, 1977).

Na cidade-jardim, o solo urbano seria socializado, mas não constituiria uma propriedade do governo central e também não seria por ele gerido, submetendo-se somente às suas leis e à tributação. Howard reduziu o tamanho do seu Estado à municipalidade, pois não acreditava na atuação do Estado inglês da época, como também não concordava com a atuação do Estado socialista que controlava todas as atividades. Tendo como referenciais os conceitos do filósofo inglês Herbert Spencer, Howard introduziu a ideia de transformar a propriedade privada em comunitária, sendo todos os homens proprietários da terra, e, seguindo seu predecessor Thomas Spencer, revelou uma variante superior: a aquisição, por uma sociedade, de glebas de plantio pelo valor fundiário, que, ao elevar-se em decorrência da construção da cidade, reverteria para os cofres dessa comunidade. Quanto ao conhecido diagrama (Figura 7) que representa o modelo da cidade-jardim, esse não é apenas uma forma gráfica de vender o produto, mas reflete os fundamentos do projeto: liberdade e cooperação. Howard estava muito menos interessado em formas físicas do que em projetos sociais: a chave de sua idealização estava em que os cidadãos seriam proprietários perpétuos do território (Hall, 1988; Howard, 1996).

Outros princípios adotados por Howard vieram também das ideias dos ingleses James Silk Buckingham e Edward Wakefield, constituindo-se nas vantagens da união das atividades agrícolas e industriais. Isso diferenciava sua projeção de sociedade ideal daquelas idealizadas pelos socialistas utópicos, como Owen e Fourier, as quais eram baseadas principalmente em atividades industriais, fazendo com que essas comunidades ficassem totalmente vulneráveis às flutuações da comercialização de mercadorias. Os princípios fundamentais da cidade-jardim nada mais foram que a sistematização e o aperfeiçoamento dos aspectos idealizados pelos utopistas anteriores a Howard, sendo resultado da representação das aspirações de modos de vida da sociedade operária da época: o sonho de viver em habitações individualizadas, envolvidas por um ambiente saudável com áreas verdes. As representações da cidade ideal tornaram-se o lugar onde se exercitava a imaginação social e onde eram acolhidos, elaborados e produzidos os sonhos sociais de um período (Quaroni, 1967; Baczko, 1991).

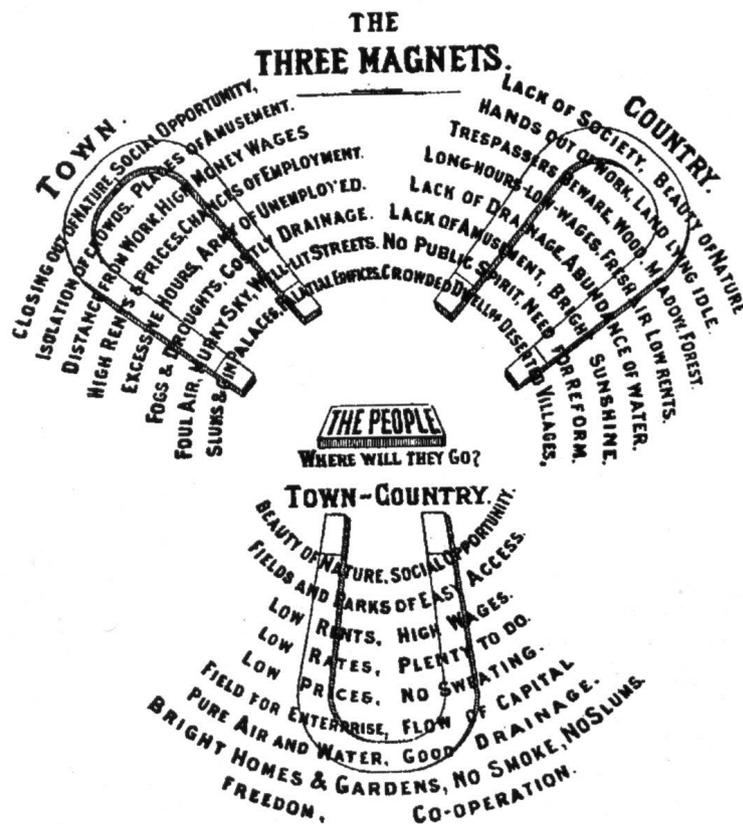


Figura 7. Diagrama que sintetiza as ideias de Howard - Cidade-campo (O CONCEITO DA CIDADE-JARDIM).

Figure 7. Diagram summarizing the ideas of Howard - Town-country (CONCEPT OF GARDEN CITY).

Fonte: Howard (1996).

Assim, conforme Baczkó (1991), pode-se entender que o exercício intelectual do paradigma utópico contribuiu, ao seu modo, para dar respostas às grandes questões da modernidade, que consistiam em pensar a sociedade como autoinstituída, isto é, uma reunião de indivíduos que não se assentariam em qualquer ordem exterior ao mundo, constituindo uma comunidade detentora de todo o poder sobre si própria. Segundo Peter Hall (1988), por trás das manifestações da cidade-jardim, articulava-se um movimento muito mais amplo, bem representado por escritores como Morris e Ruskin, que se empenhava em repelir as pompas da era industrial e voltar a uma vida mais simples, centrada em artesanato e comunidade, sendo a ideia de construção comunitária intrínseca a essas aspirações. A partir das esperanças da coletividade e, até mesmo, da própria utopia, surgem as tendências específicas à imaginação utópica para a elaboração de ideias-imagens de uma sociedade coerente e ideal, cujas partes deveriam coincidir com o projeto fundador, tornando-se facilmente compreensível. Essas previsões que não são nada mais do que uma crítica às

representações da realidade social da época, emergiram tanto no campo das utopias totalitárias como nas antitotalitárias, refletindo, portanto, um equilíbrio entre esses extremos. Howard definiu que seu projeto urbano conformaria um terceiro sistema socioeconômico, superior tanto ao capitalismo quanto ao socialismo: suas bases seriam o gerenciamento local e o autogoverno (Hall, 1988; Baczkó, 1991).

Os serviços, nas cidades-jardins, seriam fornecidos pela municipalidade, ou pela iniciativa privada desde que comprovadamente mais eficientes, sendo outros prestados pelos próprios moradores, numa série que Howard chamou de experimentos pró-municipais. Dessa forma, os habitantes poderiam produzir suas próprias casas com o capital fornecido por esses trabalhos, podendo essas funções dirigir a economia. Como mencionado por Hall (1988), bem antes do economista britânico John Maynard Keynes e do presidente americano Franklin Delano Roosevelt, Howard concluiu que a sociedade poderia sair de uma recessão econômica a partir do seu próprio trabalho.

Da cidade-jardim à cidade-dormitório: a decadência da cidade contemporânea

Em 1902, foi fundada a “The Garden City Pioneer Company Ltd” que definiu o terreno destinado à implantação da primeira cidade-jardim. Letchworth, localizada a 56,33 quilômetros de Londres, iniciou a concretização da utopia de Howard. Os arquitetos que projetaram a cidade foram Raymond Unwin e Barry Parker, os quais receberam a influência de William Morris, demonstrada através de seus interesses pelo inter-relacionamento entre o espaço construído e as áreas verdes, com forte atração às pequenas comunidades. Em Letchworth, esses arquitetos propuseram um desenho informal de vias; as casas foram pensadas isoladas no lote, recuadas do alinhamento predial, com jardins frontais, as calçadas com grama, arbustos e árvores, assim como um sistema de ruas secundárias em forma de “cul de sac” (Figuras 8 e 9). Esse conjunto de procedimentos implantados enfatizou a ideia de convívio com a natureza, refletindo os fundamentos de Howard: a

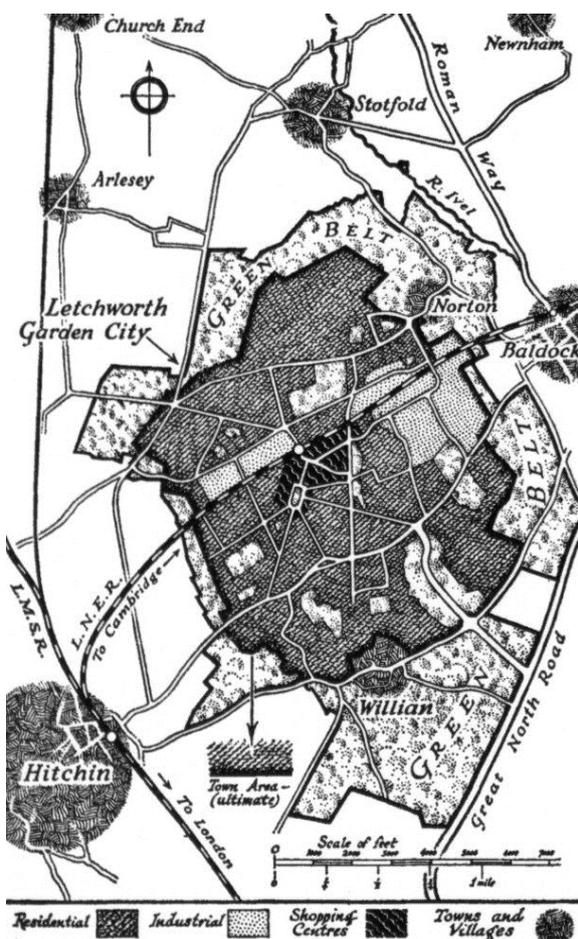


Figura 8. Plano de Letchworth.

Figure 8. Plan of Letchworth.

Fonte: Howard (1996).

combinação ideal entre indústria, cidade e campo (Howard, 1996; Ottoni, 1998).

Inicialmente, o desenvolvimento dessa cidade foi lento: projetada para 30.000 habitantes, dez anos depois de sua fundação Letchworth tinha o equivalente a apenas 8.500 habitantes, não constando de todas as áreas disponíveis construídas. Somente após a Segunda Guerra, com o auxílio dos esquemas de descentralização subsidiados pelo governo inglês, foi finalizada numa escala ligeiramente menor do que a planejada; em 1962 atingiu 26.000 moradores. Quanto aos fins sociais, os planejadores procuraram evitar a separação total das classes sociais, tentando fugir do que hoje constitui uma das características das cidades inglesas; porém, na Inglaterra Eduardiana, limites já eram evidentes, destinando-se áreas para os chalés afastadas dos palacetes da classe média (Hall, 1988).

As indústrias construíram as suas instalações e eram responsáveis pela fixação de novos moradores na cidade, e tinham como metas: possibilitar a atividade industrial e melhores condições de moradia a seus operários. O funcionamento de estabelecimentos comerciais também foi necessário e indispensável, pois a falta de mercadorias e preços elevados desencorajariam a chegada de indústrias em números significativos. Assim, para atrair esses investimentos foram tomadas medidas, tais como arrendamentos de terras com prazo de 999 anos, com valores fixos. Entretanto, essa atividade foi sempre o ponto mais deficiente no planejamento da cidade, já que apenas pequenas construções, com habitação na sua parte superior, tendiam a se desenvolver como comércio, já que os grandes empresários tinham medo de investir em um modelo urbano inovador (Howard, 1996).



Figura 9. Westholm Green (1906), Letchworth, com residências projetadas por Parker e Unwin. Letchworth, Inglaterra.

Figure 9. Westholm Green (1906), Letchworth, with housing designed by Parker and Unwin. Letchworth, England.

Fonte: Cadman (2009).

Em 1919, após a Primeira Guerra Mundial, Howard, a partir da experiência de Letchworth, apresentou ao governo inglês as vantagens de se adotar uma política integrada para o desenvolvimento de seus projetos, porém não foi bem-sucedido. Mesmo assim, decidiu em 1920 construir Welwyn, onde desde o princípio o comércio não foi deixado a cargo de iniciativas privadas individuais, sendo explorado pela “The Garden City Pioneer Company Ltd”, a qual criou condições para o estabelecimento de lojas de departamentos com grande variedade de produtos. A nova cidade foi projetada pelo arquiteto Louis de Soissons para 40.000 moradores, podendo ser expandida para 50.000, numa área de 962 hectares (Figuras 10 e 11). Quanto às características físicas, assemelhava-se a Letchworth, sendo que como fora resolvidos os problemas com o comércio surgidos na primeira experiência, Welwyn tornou-se mais próspera e atraente a investimentos externos (Hall, 1988).

Essas duas cidades constituíram as imagens concretas das ideias utópicas de Howard, entretanto no período de 1918 a 1919 seus princípios fundamentais, como a autossustentabilidade, começaram a ser ignorados no

planejamento de novas comunidades jardins. Surge então, já em 1912 com Unwin e Hampstead, a ideia das “cidades-satélites”, próximas aos grandes municípios industriais. Originavam-se, portanto, os subúrbios-jardim, hoje mais conhecidos como cidades-dormitório, dependentes do centro urbano vizinho para atender as demandas dos seus moradores por empregos. As questões básicas apresentadas nessa nova concepção de cidade foram o seu tamanho territorial, excedendo em muito as metas planejadas por Howard, a distância da autoridade municipal, a falta de indústrias e atividades comerciais, e, conseqüentemente, a escassez de empregos (Hall, 1988; Ottoni, 1998). Esse modelo foi o precursor dos condomínios fechados hoje tão presentes na cidade contemporânea e responsáveis pela fragmentação da cidade, pelo zoneamento, pelo abandono do espaço público, pela dependência do automóvel e pela segregação social. Hoje em dia, dos condomínios Alpha Ville aos Terra Nova, a cidade vai se tornando um quebra-cabeça em que as peças não se encaixam, pois estão desconectadas do espaço público e real da cidade.

O engenheiro espanhol Arturo Soria y Mata foi um dos primeiros que expôs, já em 1882, as ideias geradoras dos condomínios fechados, sob o nome de cidade linear. Em essência, ele dizia que um sistema de linhas de bonde, representado hoje pelas linhas de metrô, trem e rodovias, partindo de uma grande cidade, poderia oferecer uma extraordinária acessibilidade linear, o que iria permitir o crescimento de uma cidade-jardim linear planejada. Entretanto, na prática esse ideal nunca passou de um subúrbio dormitório segundo as leis da especulação imobiliária. Após a Segunda Guerra, esse modelo urbano decaiu, pois, com a utilização do metrô e aeroportos, esse tipo de aglomeração passou a ser vista apenas como uma estação transitória entre dois centros prósperos. Mesmo sendo comprovado o fracasso dos subúrbios dormitórios, várias críticas à idealização da cidade-jardim original de Howard, a qual sempre foi muito melhor do que a comuni-



Figura 10. Plano original da cidade de Welwyn, onde ficava evidente o relacionamento entre área urbana e o cinturão agrícola.

Figure 10. Plan of the original town of Welwyn, where the relationship between the urban area and the agricultural belt became evident.

Fonte: Howard (1996).



Figura 11. Vista do centro cívico de Welwyn.

Figure 11. View from the Welwyn Civic Centre.

Fonte: Ottoni (1998).

dade proposta por Soria, foram publicadas, considerando esse tipo de planejamento urbano estático e incompatível com o crescimento dinâmico e espacial da sociedade (Figura 12; Hall, 1988).

Mesmo sendo possível estabelecer uma ligação entre os princípios da cidade moderna e os aplicados em Letchworth e Welwyn, Le Corbusier criticava os ideais de Howard devido ao mau uso e ao aproveitamento inadequado das dimensões territoriais: ele afirmava que as densidades baixas estimulariam o individualismo e a decadência da coletividade, defendendo a concepção de “cidades-jardins verticais” com densidades de aproximadamente 100 habitantes por hectare. Porém, ambos intelectuais, Le Corbusier e Howard, defendiam o zoneamento, como forma de gerar melhores condições de moradia, em combinação com a prosperidade industrial, bem como vinculavam seus estudos urbanos à manutenção das áreas verdes e às formas de trabalho coletivo. Essas contradições se davam principalmente devido às transformações históricas e sociais geradas pelo movimento moderno nos padrões tradicionais de vida, sendo essas discussões baseadas em imagens utópicas, as quais nada mais representavam que o reflexo da rejeição da cultura preexistente (Galantay, 1977; Baczko, 1991).

No continente europeu, as ideias de Howard também foram interpretadas de modo equivocado, sendo o jornalista francês Georges Benoit Levy um dos responsáveis pelo estabelecimento de uma confusão teórica entre cidade-jardim e subúrbio jardim através da publicação “La cité-jardin” (1904). Dentro desse equívoco conceitual, Henri Sellier, diretor do “Office Public des Habitations à Bon Marche du Département de la Seine”, projetou 16

“cidades jardins” ao redor de Paris, entre 1916 e 1939, sendo seus princípios mais próximos aos defendidos por Unwin e Hampstead. Essas comunidades se caracterizavam por: tamanho reduzido, terra comprada na periferia a preços fundiários mínimos, densidades baixas em relação a Paris e grande quantidade de espaços livres. Posteriormente, o aumento do preço das terras e das residências, somado ao crescimento populacional, acarretou profundas modificações nessas comunidades: mais e mais blocos de prédios de cinco andares foram incluídos e as densidades subiram para 200 a 260 habitantes por hectare (Ray, 1973).

Já na Inglaterra a primeira geração das “New Towns” foi formada por 14 cidades, seguindo os fundamentos das cidades-jardins, opondo-se à criação de novos subúrbios nas grandes metrópoles e caracterizando-se por planejamentos resultantes de baixas densidades populacionais, da preferência por espaços abertos e da autossuficiência. Porém, em função de problemas surgidos, tais como o alto custo das infraestruturas devido às baixas densidades em generosos espaços, a segunda geração dessas comunidades desenvolveu-se a partir de tecidos urbanos compactos com altas densidades e não sustentáveis economicamente (Figura 13; Galantay, 1977).

Dentro desse conjunto de alterações e reinterpretações das ideias de Howard surgem várias iniciativas de cidades-jardins nos Estados Unidos. A primeira cidade, denominada Radburn e projetada em 1928, na época tornou-se uma referência para o planejamento urbano devido as propostas dos arquitetos americanos Clarence Stein e Henry Wright, que enfatizaram a separação das áreas para os deslocamentos dos veículos e dos pedestres, seguindo a linha do movimento modernista (Ottoni, 1998). Hoje



Figura 12. Surbiton na Inglaterra, a 19,31 km de Londres, configura-se como uma cidade-dormitório onde os moradores enfrentam todas as manhãs filas para pegar trens extremamente lotados para chegar ao seu trabalho no centro da capital inglesa.

Figure 12. Surbiton in England, 19.31 km from London, is configured as a commuter town where residents face every morning queues to catch extremely crowded trains to get to work in central London.

Fonte: Wikipedia (2010, 2012).

sabemos que esse tipo de planejamento e desenho urbano é prejudicial à vida na cidade, pois promove zoneamentos de atividades, áreas voltadas estritamente ao automóvel gerando ruas com alta velocidade, e vias exclusivas aos pedestres que muitas vezes são responsáveis pela percepção de insegurança na cidade, principalmente à noite, já que a maioria da população prefere o automóvel, ficando esses locais praticamente vazios (Figura 14).

O contexto socioeconômico da sociedade norte-americana criou as condições ideais para o desenvolvimento dos subúrbios jardins: o crescimento acelerado dos centros comerciais, atraindo atividades dos mais variados tipos, fez com que os empresários, por meio do aumento do custo do solo, expulsassem as funções por eles vistas como indesejáveis à área; desse modo somou-se um grande número de pessoas à procura de moradias com baixos preços e ao mesmo tempo atraentes. Esses contingentes, gerando o protótipo da comunidade suburbana, estimularam as construções de áreas residenciais na periferia. Para os planejadores urbanos mais simplórios, essa situação remetia ao desejo da filósofa americana Jane Addams de integrar o imigrante, e agora os filhos dele, à melhores condições de vida, à medida que todos saíam dos cortiços para seus novos lares suburbanos (Galantay, 1977; Hall, 1988). Entretanto, isso nada mais gerou do que a segregação social e espacial das pessoas na cidade, uma das causas das tensões sociais entre bairros hoje evidenciada.

Os ideais utópicos da cidade-jardim, nesse momento, já tinham sido totalmente abandonados, restando apenas a preocupação na manutenção da fisionomia cidade-campo, característica dessa comunidade. Os fundamentos propostos, desde Thomas More, Saint-Simon, Fourier, Owen e Howard, sucumbiram ao capitalismo agressivo, que se sobrepôs à qualidade de vida do trabalhador, sendo considerados relevantes apenas os lucros monetários e os

interesses de uma classe dominante. Assim como hoje, as concretizações de um urbanismo em prol das pessoas, refletindo as manifestações repetidas dos sentimentos de revolta social e das esperanças postas num futuro coletivo, voltam a se tornar apenas imagináveis, em função da ostensiva especulação imobiliária e do individualismo característicos da era contemporânea (Baczko, 1991).

A grande facilidade de transporte por automóvel, trem e metrô incentivou a enorme expansão dos subúrbios jardins em vários países, os quais se localizam hoje na periferia dos centros urbanos desenvolvidos, sendo destinados exclusivamente à função residencial. Como resultado disso, conformaram-se regiões metropolitanas como as observadas nas cidades de São Paulo no Brasil (com 11,32 milhões de pessoas) e em Londres na Inglaterra (com 8,31 milhões de pessoas). Essas regiões caracterizam-se por serem dispersas e estruturadas em torno de autoestradas e ferrovias. A consequência dessa situação foi a formação da cidade sem centro, totalmente dependente de sistemas de transporte, desenvolvida para atender principalmente a especulação imobiliária e totalmente insustentável. Essa realidade reflete, literalmente, os impulsos econômicos, a favor da suburbanização, e a ausência de políticas governamentais de investimento às áreas centrais, bem como de criação de sociedades planejadas não caracterizadas como dormitórios (Ottoni, 1998).

No Brasil, não diferentemente de outros países, os fundamentos das cidades-jardins foram interpretados erroneamente: longe se ficou da preocupação de Howard de proporcionar aos trabalhadores a condição de habitar plenamente a cidade, construindo ainda uma infraestrutura regional e obtendo os prazeres de contato com a natureza. Isso tudo foi reduzido ao mínimo, quando não abolido. As únicas semelhanças encontradas foram relativas à geometria do traçado e às formas de distribuição



Figura 13. Vista da rua de uma New Town da segunda geração.

Figure 13. View of a street in a second generation New Town.

Fonte: Ray (1973).



Figura 14. Vista de uma rua de Radburn. Passagens de pedestres e automóveis em níveis superpostos.

Figure 14. View of a street in Radburn. Walkways and cars on superposed levels.

Fonte: Howard (1996).

espacial das construções. Foram planejados bairros residenciais isolados, de qualidade discutível, sendo notória a forma puramente nominal com que o modelo é imitado nos incontáveis “jardins” periféricos (Otoni, 1998). O bairro Jardim América, por exemplo, localizado em São Paulo, foi um dos primeiros projetos concretizados no Brasil baseado no conceito subúrbio-jardim, tendo seu estudo inicial sido desenvolvido por Parker e Unwin em 1919 (Figura 15). Seu plano consistia de um loteamento estritamente residencial, longe dos ideais de Howard, e mais próximo de um subúrbio com alguma infraestrutura como o de Hampstead Garden Suburb em Londres, cujos lotes possuem aproximadamente 1.450 m², dispostos em ruas sinuosas, com jardins internos às quadras, para uso coletivo dos moradores. A novidade do projeto para o Brasil, a sua implantação, o seu controle, e o planejamento paisagismo conferiram status aos seus moradores, fazen-



Figura 15. Vista aérea do bairro Jardim América em São Paulo. Ao fundo o centro comercial, com altos edifícios e em primeiro plano o Bairro.

Figure 15. Aerial view of the Jardim América in São Paulo. Commercial centre with tall buildings in the background and the district in the foreground.

Fonte: Caiodovalle (2005); Wikipedia (2008).



Figura 16. Cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, reconhecida como Patrimônio Histórico do Estado, hoje é fragmentada por muros e cercas de arame.

Figure 16. City of Pelotas in Rio Grande do Sul, recognized as a historic heritage site of the State, today is fragmented by walls and barbed wire fences.

do o empreendimento apelativo às classes dominantes (Howard, 1996).

Na cidade contemporânea, o conceito do subúrbio jardim migrou para os condomínios fechados e se espalha velozmente por vários países, criando áreas isoladas da cidade, dos espaços públicos e completamente dependentes do automóvel. As pessoas procuram se segregar socialmente criando guetos diferenciados por classes sociais, o que somente aumenta a tensão e insegurança, esvazia áreas públicas e prejudica o crescimento urbano. Em Pelotas, uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul e reconhecida por lei como Patrimônio Histórico e Cultural (Lei estadual n. 11.499, de 06 de julho de 2000), houve um “boom” por parte da municipalidade na aprovação de condomínios fechados para diferentes classes sociais, demonstrando a falta de conhecimento sobre a disciplina de planejamento e desenho urbano. Esses condomínios se isolam em seus muros e acabam por desqualificar os bairros do entorno, pois geram vias com fachadas cegas para as ruas adjacentes, terminando com qualquer possibilidade de integração da malha urbana existente com o projeto proposto. A Figura 16 ilustra essa realidade que hoje é responsável pela decadência urbana de várias cidades brasileiras.

Conclusão

Os ideais utópicos de Howard e seus precursores demonstravam relações múltiplas e complexas com as ideias filosóficas, os movimentos sociais, as correntes ideológicas e o imaginário coletivo, contribuindo para a tentativa de concretização de uma sociedade mais harmônica. Como uma reação às práticas sociais das cidades industriais, buscava-se determinar formas para os desprivilegiados se integrarem ao convívio social, preservando o trabalho e o lazer público, ao lado de adequadas condições de vida e moradia. Entretanto, segundo Hall (1988), para



a realização desse imaginário numa escala global e não apenas em locais isolados, seria necessário que esses ideais utópicos fossem analisados e considerados pela maioria dos planejadores urbanos como laboratórios, nos quais deveriam ser estudados e definidos os princípios necessários para a reestruturação do bem-estar coletivo.

A procura do equilíbrio e do convívio entre o ambiente construído e a natureza, objetivo principal da cidade-jardim, constitui até hoje para o mundo contemporâneo uma utopia desejada e ainda não alcançável. Isso demonstra que os ideais de igualdade, cooperação e harmonia, desde as sociedades primitivas, estão em constante evidência, sendo as metas guias para o alcance da cidade ideal. Partindo do pressuposto de que as teorias utópicas sempre estiveram presentes, elas poderiam ser consideradas como um mundo “real” paralelo ao que vivemos, sendo elas o reflexo oposto dos problemas que enfrentamos ou também a representação de um futuro caótico gerado pela continuidade das transgressões sociais e de exploração humana. Elas podem representar a imagem do subconsciente coletivo, as relações entre os homens, bem como deles com o ambiente natural. Poder-se-ia até divagar que, caso fosse alcançada a concretização, numa escala global, das idealizações utópicas, os papéis poderiam se inverter, ou seja, os desprazeres, os conflitos e as indagações passariam a compor nossos imaginários e constituiriam nossos desejos de cidade ideal.

Em meio a essas dúvidas e devaneios, percebe-se que a busca por melhores condições de vida é constante e gera, muitas vezes, ideais utópicos muito similares: atualmente são enfatizados os princípios de cidades autossustentáveis e cooperativas, nas quais exista uma relação mútua de respeito entre os homens e deles com a natureza, bem como os fundamentos do novo urbanismo nos Estados Unidos, que, pensando bem, nada mais são do que a retomada dos conceitos utópicos defendidos por Howard e seus antecessores no século XIX. Dessa forma, dada a crescente ameaça de gigantescos congestionamentos, falta de água como já está acontecendo em São Paulo, contaminação atmosférica, superurbanização e de tudo que indique a contínua deterioração da qualidade de vida e do ambiente natural do entorno urbano, considera-se que esse tipo de discussão intelectual de criar novas formas comunitárias é um procedimento válido e relevante para demonstrar que a tendência não pode ser o destino (afirmação do arquiteto americano Albert Mayer) e que se pode procurar idealizar e tentar pôr em prática medidas que assegurem aos nossos netos um ambiente urbano melhor do que esse que herdamos.

O que não se pode permitir é que ideais tão nobres como os de Howard sejam manipulados e convertidos em cidades desprovidas de autossuficiência e dependentes da cidade de origem, e em monstruosos condomínios fechados que hoje se alastram por vários estados no Brasil. Cidades inteiras estão sendo muradas e espaços públicos como a praça abandonados em prol do individualismo e segregação social. Projetistas, arquitetos e urbanistas de-

vem recuperar os conceitos originários da cidade-jardim e juntá-los a princípios contemporâneos de desenho urbano, a fim de criar cidades com alta qualidade de vida e preservação dos recursos naturais. Só assim poderemos chegar à tão desejada igualdade, cooperação e harmonia.

Referências

- BACZKO, B. 1991. *Los imaginários sociales: memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 256 p.
- BENÉVOLO, L. 1983. *A história da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 729 p.
- BLOWERS, A.; HAMNETT, C.; SARRE, P. 1974. *The Future of Cities*. London, Open University, 355 p.
- BOOTH, C. (s.d.). Poverty maps of London. Disponível em: <http://booth.lse.ac.uk/static/a/4.html>. Acesso em: 01/04/2014.
- CADMAN, S. 2009. Flickr, 25 out. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/stevecadman/4050732329/>. Acesso em: 01/04/2014
- CAIODOVALLE. 2005. Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardins#mediaviewer/File:Skyline_from_Jardins.jpg. Acesso em: 01/04/2014.
- CAMPANATO, V. 2013. Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2014#mediaviewer/File:Protesto_no_Congresso_Nacional_do_Brasil_17_de_junho_de_2013.jpg. Acesso em: 01/04/2014.
- GALANTAY, E. 1977. *Nuevas ciudades: de la antigüedad a nuestros días*. Barcelona, G. Gili, 219 p.
- HALL, P. 1988. *Cidades do amanhã*. São Paulo, Perspectiva, 550 p.
- HOWARD, E. 1996. *Cidades-jardins de amanhã*. São Paulo, Hucitec, 211 p.
- JUNG, M. 2011. Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil. Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Favela_do_Moinho,_S%C3%A3o_Paulo_SP.jpg. Acesso em: 01/04/2014.
- LEVY, G.B. 1904. *La cité-jardin*. H. Jouve, Universidade de Princeton, 287 p.
- OTTONI, C. (coord.). 1998. *Cidades jardins: a busca do equilíbrio social e ambiental 1898-1998*. São Paulo, FAUUSP.
- OWEN, R. 1816. A New View of Society. Disponível em: <http://socserv2.socsci.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/owen/newview.txt>. Acesso em: 01/04/2014.
- QUARONI, L. 1967. *La Torre de Babel*. Barcelona, G. Gili, 265 p.
- RAY, T. 1973. *The New Town Idea*. London, Open University, 63 p.
- RIO GRANDE DO SUL. 2000. Lei n. 11.499, de 06 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.499.pdf>. Acesso em: 01/02/2014.
- WIKIPEDIA. 2008. Ficheiro:Skyline from Jardins.jpg. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Skyline_from_Jardins.jpg. Acesso em: 01/04/2014.
- WIKIPEDIA. 2012. File:Surbiton Railway Station.jpg. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Surbiton_Railway_Station.jpg. Acesso em: 01/04/2014.
- WIKIPEDIA. 2010. File:Transdev TA236.JPG. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Transdev_TA236.JPG. Acesso em: 01/04/2014.

Submetido: 07/04/2014

Aceito: 17/12/2014

Adriana Araujo Portella

Universidade Federal de Pelotas

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Rua Benjamin Constant, 1359, Pelotas, 96010-020, RS, Brasil